

do jirau de plantas)

Nem a pé, nem andando de rastros,
Nem colando o ouvido no chão
Voltarás a ouvir nada do que ali se falou.
(TP, 1981, pp362-363)

A matéria principal de que trata o *Poema sujo* é a vida mesma, e não se restringe a um protesto ou denúncia de atos arbitrários de governos. Atravessam-no uma inquietante investigação filosófica e estética. Bastante diferente de Pablo Neruda, que em seu *Canto geral*, também escrito aos 45 anos, dedica o final do poema a um elogio ao seu partido, nos famosos versos “Me fizeste indestrutível porque contigo não termino em mim mesmo”, em Gullar encontramos o homem frágil e solitário, e que denuncia a condição aporética e contingente das relações entre a linguagem e a realidade. Esse movimento já é fortemente percebido no poema “Dentro da noite veloz”, publicado um ano antes do *Poema sujo*:

Ernesto			Che			Guevara
teu		fim		está		perto
não		basta		estar		certo
pra		vencer		a		batalha.
Ernesto			Che			Guevara
entrega-te			à			prisão
não		basta		ter		razão
pra	não		morrer		à	bala.
Ernesto			Che			Guevara
não			estejas			iludido
a	bala	entra		em	teu	corpo
como		em		qualquer		bandido.
Ernesto			Che			Guevara
por		que		lutas		ainda?
a		batalha		está		finda
antes		que	o		dia	acabe.
Ernesto			Che			Guevara
é	chegada		a		tua	hora
e		o		povo		ignora
se por ele lutavas."						

Nenhum indício o faria crer que um novo mundo surgiria da luta comum de todos os homens, nem mesmo ele poderia se sentir autorizado a falar em nome das dores daqueles que tombaram lutando. O que vemos é o poeta e seu próprio abismo, o fluir incessante do tempo, que não é uma convenção evolutiva e linear, mas múltiplo e simultâneo. A poesia é “fala humana, voz de gente, barulho escuro do corpo, intercotado de relâmpagos” (TP, 1981, p 304). O corpo, com seus sentidos e prazeres, instala a fugacidade e fragilidade da existência, a materialidade que produz o pensamento, mas que se desdobra e recomeça, apesar de limitado e finito. Como nos versos:

fazendo o sangue que faz a carne e o pensamento
e as palavras
e as mentiras

e os carinhos mais doces mais sacanas
mais sentido
para explodir como uma galáxia
de leite
no centro de tuas coxas no fundo
de tua noite ávida
cheiro de umbigo e de vagina
graves cheiros indecifráveis
como símbolos do corpo
do teu corpo do eu corpo
corpo
que pode um sabre rasgar.
(TP, 1981, p. 305)

Entretanto, essa volta ao corpo que o poeta empreende no poema não é apenas a um amontoado orgânico, pois a ele se acrescenta a dimensão de um corpo que é também tecido histórico-social, iconoclasta e desierarquizado:

meu corpo-galáxia aberto a tudo cheio
de tudo como um monturo
de trapos sujos latas velhas colchões usados sinfonias
sambas e frevos azuis
de Fra Angélico verdes
de Cézanne
matéria sono de Volpi
(TP, 1981, p.308)

Na cidade da memória, o corpo do poeta se desdobra em suas ruas e praças,:

Me lavo no Ribeirão
Mijo na fonte do Bispo
Na Rua do Sol me cego
Na Rua da Paz me revolto
Na do Comércio me nego
Mas na das Hortas floresço;
(TP, 1981, p. 369)

No poema da memória, imagem, linguagem e realidade estão na cidade, que se movimenta incessantemente, refúgio que o poeta no exílio carrega consigo. É a sua São Luís, que está impressa em seu corpo e na memória de suas sensações, que o poeta reconstrói para sobreviver e que não existe fora dele. Lugar recriado, cidade dos versos e enigmas, pulsando no ritmo das palavras, gravada em preto na folha em branco. Apenas tinta e letra, ela ressurge a cada leitura. A precariedade permanece, e a finitude se expande, no movimento captado que adormece nas estantes até que um olhar o ponha novamente em movimento. E aqui estamos, sabendo que

A cidade está no homem
Mas não da mesma maneira
Que um pássaro está numa árvore
Não da mesma maneira que um pássaro
(a imagem dele)
está/va na água

e nem da mesma maneira
que o susto do pássaro
está no pássaro que eu escrevo

a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa.

Os caminhos que o poeta trilhou foram pouco ortodoxos, e muitas vezes os mais difíceis. Basta para compreendermos melhor sua trajetória o fato de que ele só passou a integrar os quadros do PCB em abril de 1964. Segundo ele, era necessária uma ação política organizada para resistir ao golpe militar. Isso não é pouco, pois foram dias em que muitos comunistas esqueceram a carteirinha no bonde e foram se esconder debaixo das cobertas. Mas a figura do “militante revolucionário radical” nunca lhe caiu bem, embora vários críticos cobrassem suas vestes de guerrilheiro. Entretanto, fruto das circunstâncias políticas que o arrastaram para fora do país, escreveu uma das mais sensíveis expressões poéticas da América Latina.

Aos 80 anos, Ferreira Gullar recebeu o mais importante prêmio literário em língua portuguesa, o Prêmio Camões e é consagrado como um dos mais importantes poetas do século XX. Seu gosto inconfundível pela polêmica, a paixão com que se lançou em tantos debates, o destemor diante de tantas situações, são marcas de sua trajetória. Gullar nunca se preocupou em agradar a júris ou a críticos de plantão. Entretanto, o que será que passava pela cabeça daquele garoto de 19 anos que, em 1949, ao lançar um pequeno livro de poesia lá em São Luís do Maranhão, escreveu a seguinte dedicatória: “Para a Biblioteca Nacional, um exemplar da minha estréia”?

O livro de estréia, *Um pouco acima do chão*, não foi a estréia definitiva. O próprio Gullar reconhece a fragilidade de sua primeira tentativa. Mas, os anos se passaram e o poeta cresceu, veio para o Rio de Janeiro e em 1958 já havia se tornado um crítico de arte influente, um poeta respeitado e um polemista de primeira linha.

Com o intenso movimento de redemocratização do país nos primeiros anos da década de 1980, ele acabou se tornando uma espécie de porta-voz involuntário da política cultural dos comunistas. Quando se consolida o quadro para uma transição democrática, ele se afasta definitivamente de qualquer militância partidária. O poema “A Queda de Allende”, publicado em *Muitas Vozes*, de 1999, é a outra ponta da trajetória de Gullar. A poesia do mundo, do concreto e do vivido. É um poema composto de três partes que reapresenta alguns fatos vividos por Gullar no dia em que o presidente chileno foi deposto, em 1973. Na primeira parte, o poeta confessa que, na urgência de conseguir sua ração de leite, passou à frente de uma senhora que se dirigia para a fila. Na segunda, conta como esconde o dinheiro na palmilhado sapato para ir ao encontro da resistência ao golpe, pois o mundo desabava e ele, ainda assim, fora comprar cigarros. Na terceira e última parte, o poeta vê soldados que atiram contra uma fábrica, que revida também atirando, e, no intervalo entre o tiroteio, jovens num terreno baldio jogam bola. A seguir, um fragmento do poema:

A QUEDA DE ALLENDE

A luz da manhã era
leitosa e não se via o
leiteiro na esquina
da Carlos Sampaio
Desci
com dois litros

vazios		atravessei		o
conjunto		residencial		do
outro lado da				
praça	havia		uma	fila
de	gente		comprando	leite
e	à		minha	frente
uma		senhora		se
dirigia	também		para	lá
pensei	em	bancar	o	cavalheiro
mas	o		leite	era
pouco deixei-a para				
trás	sem		saber	que
daquele				leite
não haveria de beber				

No livro *Dentro da noite veloz* ele já havia escrito “Dois poemas chilenos” em que homenageava Salvador Allende, assassinado em 1973. Gullar retorna ao tema e escreve um novo poema. Nele, ao invés de atos de coragem e determinação para defender o presidente eleito, o poeta quer garantir o leite, que é pouco. Esses mesmos episódios referentes ao golpe militar do Chile haviam sido narrados pelo poeta em entrevistas e crônicas durante a década de 1970 e nos capítulos 59 e 60 do seu autobiográfico *Rabo de foguete*. Nessas narrativas, os fatos são apenas alguns acontecimentos pitorescos que envolvem o narrador no dia da queda do presidente chileno. Entretanto, ao serem trazidos para o espaço poético, esses mesmos episódios passam a interrogar mais intensamente o leitor. O olhar do poeta se desloca para uma região de sombra, para a percepção do detalhe que escapa, a explicitação de um gesto que no poema, deslocado de seu enquadramento referencial imediato e de suas justificativas racionais, ele desautomatiza sua recepção.

Embora o cenário seja de um dramático fato histórico, o que se passa com o poeta é absolutamente prosaico. O cotidiano, entretanto, é destoante, chama a atenção para o inesperado da atitude, em total descompasso como gesto que seria mais condizente com um militante de esquerda que está vivendo no exílio. Sua solidariedade o faria ceder a vez à senhora, mas a necessidade o pressiona a uma atitude muito pouco altruísta. O procedimento crítico do poeta é o mesmo seguido em outros momentos de sua poesia: deslocamento do olhar para os atos mais banais que sobrevivem mesmo em face dos maiores e piores acontecimentos, diluindo sua tragicidade e desierarquizando-os ao confrontá-los aos grandes atos heróicos. No *Poema sujo*, a guerra se mistura ao miúdo da vida da cidade pequena, e, segundo o poeta, Stalingrado resiste, entre outras coisas, “Por meu pai que contrabandeava cigarros, por meu primo que passava rifa, pelo tio que roubava estanho à Estrada de Ferro” (GULLAR, 2000: 237). O novo poema sobre a queda de Allende integra, então, o sentido que preside também o *Poema sujo*: nega o auto-elogio a um suposto heroísmo individual, nega a exaltação do martírio e se contrapõe à redução ideologizante da dimensão mitificadados fatos políticos. O universo em que a poesia de Ferreira Gullar se movimenta é estritamente humano e irreligioso: em suas deficiências e limitações, não deixa espaço para o mito. Como acentua Arrigucci: “A atitude do homem comum, sem lugar entre a pretensão e a humildade, exposto com todas as suas fragilidades, exatamente como nas memórias, está de novo presente aqui. Com efeito, é um homem frágil quem está atrás da voz que nos fala, sozinho como o caniço pensante de Pascal em face do infinito silêncio do cosmo”.